

Muvucar sementes e pensamentos entre educação e arte e ambiente e...

Muvucar seeds and thoughts between education and art and environment and...

Muvucar semillas y pensamientos entre la educación y el arte y el medio ambiente y...

Tatiana Plens Oliveira¹

Andrea Desiderio da Silva²

Alik Wunder³

Alda Romaguera⁴

Marli Wunder⁵

Resumo: Desde o solo do Sítio Terrinha, no Sul de Minas Gerais, este artigo propõe uma “muvuca”. Nele *muvucamos* e partilhamos as sementeiras de encontros-festas realizados pelo Coletivo Terrinha, bem como de outros processos de criação e pesquisa: *fabulações especulativas* e *biointerações* experienciadas com as agroflorestas da Terrinha, pensamentos poéticos pela/com educação e vida, composições fotográficas com gente-milho em diálogo com a cosmovisão guarani, processos de criação de gravuras com sumo de plantas, as *fitografias*, e composições com corpos que invertem e vertem lógicas e conhecimentos ancestrais de plantar-se bananeira. Um convite expressivo com nossas experiências e práticas para a instauração de um espaço-tempo para contar, conversar, ler, escutar, silenciar, tatear, ver e criar.

Palavras-chave: Imagens; Criação; Educação.

Abstract: From the soil of Sítio Terrinha, in the south of Minas Gerais, the article proposes a “muvuca”. In it, we *muvucate* and share the sowings of the meetings-parties held by the Terrinha Collective, as well as other processes of creation and research: *speculative fabulations* and *biointeractions* experienced agroforests of Terrinha, poetic thoughts for/with education and life, photographic compositions with corn-people in dialog with the Guarani cosmovision, processes of creating prints with plant juice, *phytographs*, and *compositions* with bodies that invert and shed ancestral logics and knowledge of planting banana trees. An expressive invitation with our experiences and practices by establishing a space-time for telling, talking, reading, listening, silencing, touching, seeing and creating.

Keywords: Images; Creation; Education.

Resumen: Del suelo de Sítio Terrinha, en el sur de Minas Gerais, el artículo propone una «muvuca». En él, *muvucamos* y compartimos las siembras de los encuentros-fiesta celebrados por el Colectivo Terrinha, así como otros procesos de creación e investigación: *fabulaciones especulativas* y *biointeracciones* vividas con los sistemas agroflorestales de Terrinha, pensamientos poéticos para/con la educación y la vida, *composiciones* fotográficas con gente del maíz en diálogo con la cosmovisión guaraní, procesos de creación de estampas con jugo de plantas, *fitografías*, y composiciones con cuerpos que invierten y despojan lógicas y saberes ancestrales de la siembra de plátanos. Una invitación expresiva con nuestras experiencias y prácticas, estableciendo un espacio-tiempo para contar, hablar, leer, escuchar, callar, sentir, ver y crear.

Palabras-clave: Imágenes; Creación; Educación.

¹ Universidade Estadual de Campinas

² Universidade Estadual de Campinas

³ Unicamp

⁴ Associação Ritmos de pensamentos

⁵ Associação Ritmos de Pensamentos

Entre linhas e lidas de cultivo

Muvuca é jeito diversal de estar junto e reflorestar as beiras
Antonio Bispo dos Santos

Agroflorestas do Sítio Terrinha, Caldas, Sul de Minas Gerais: o solo que anima modos de estar junto em experimentos de reflorestar, mobilizados pelo sonho de pessoas que se juntaram para cuidar de uma terra e serem cuidadas por ela.

Foto 1: 1ª área de plantio no Sítio Terrinha – 10/2021.



Fonte: Acervo Coletivo Terrinha. Foto: Alik Wunder.

Foto 2: 1ª área de plantio no Sítio Terrinha após 3 anos - 11/2024.



Fonte: Acervo Coletivo Terrinha. Foto: Alik Wunder.

Foto 3: 2ª área de plantio no Sítio Terrinha – 11/2022.



Fonte: Acervo Coletivo Terrinha. Foto: Alik Wunder.

Foto 4: 2ª área de plantio no Sítio Terrinha após 1 ano - 01/2024.



Fonte: Acervo Coletivo Terrinha. Foto: Tatiana Plens.

Entre linhas e lidas de cultivo, no papel, na tela e na terra, roçam-se capins, sementes, pessoas, gravetos, folhas, palhas, fotografias, grãos, traços, cores, sombras, luz, ramam-se práticas, gestos, materiais. “Tudo é questão de linha” (Deleuze; Parnet, 1998, p. 88), de experimentação coletiva de “processos de circulação e intensificação da vida” (Oliveira, 2023, p. 155), de uma “estranha ecologia” (Deleuze; Parnet, 1998, p. 89) de fios firmes e flexíveis que envolvem os corpos e a educação em experiências de *movucar e terraformar*, de “renovar os poderes biodiversos da terra” (Oliveira, 2023, p.46).

A *movuca* é uma técnica ancestral e indígena de recuperação de áreas degradadas que

nos convida a fazer uma mistura de diversas variedades de sementes de árvores e outras plantas menores, alimentando a terra com biodiversidade. Jatobá, guapuruvu, girassol, feijão-guandú, pau-pereira, jequitibá, urucum, ipês vão à terra: uma mistura de vida potencial por vir.

Foto 5: Muvuca de sementes



Fonte: Acervo Coletivo Terrinha. Foto: Alik Wunder.

Neste texto, em composições de imagens, palavras e tons, pulsam desejos de semear uma educação pela/com a vida, e de propor uma *muvuca* de pensamentos, como expressão de nossas experiências e práticas de envolvimento com solos, sementes, folhas, plantas, animais, microorganismos, fotografias, papéis, tecidos. A escrita como a instauração de um espaço-tempo para ler, escutar, silenciar, tatear, ver, criar. Nela *muvuca*mos e partilhamos de forma rizomática as semeaduras dos encontros-festas realizados entre 2021 e 2024 pelo Coletivo Terrinha⁶ - bem como de outros processos de criação e pesquisa: *fabulações especulativas* e *biointerações* experienciadas com as agroflorestas da Terrinha⁷, pensamentos poéticos

⁶ O Coletivo Terrinha é um dos núcleos da Associação Ritmos de pensamentos educacionais, ambientais, artísticos e culturais, sediada no bairro da Pedra Branca, em Caldas, Sul de Minas Gerais, no Sítio Terrinha.

⁷ Esses processos de *fabulação especulativa* (Haraway, 2023) e *biointeração* (Santos, 2015) fazem parte da pesquisa de doutorado em educação de Tatiana Plens que resultou na tese “Corpo-solo-vivo: linhas e entrelinhas de um processo de cultivo” (Oliveira, 2023). Ver: HARAWAY, Donna J. **Ficar com o problema**: fazer parentes no Chthuluceno. São Paulo: n-1 Edições, 2023; e SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos**: modos e significados. Brasília: INCTI/UNB/INCT/CNPQ/MCTI, 2015.

pela/com educação e vida,⁸ composições fotográficas com *gente-milho*⁹ em diálogo com a cosmovisão guarani, processos de criação de gravuras com sumo de plantas, as *fitografias*¹⁰, e composições com corpos que invertem e vertem lógicas e conhecimentos ancestrais de plantar-se bananeira em rodas de erês¹¹.

A escrita trama linhas e lidas, a partir das nossas vivências em uma terra coletiva guardada pela Serra da Pedra Branca e do experimentar artes diversas de regenerar a floresta e de deixar-se regenerar com ela. Lidar na terra, viver misturas, praticar encontros de heterogêneos, silenciar, celebrar, experienciar a potência do mutirão. Poesia, artes visuais, música, culinária, fotografia, jardinagem, plantios e manejos agroflorestais, experimentados num coletivo aberto e diverso de seres... Uma experiência de escrita em mutirão agroflorestal em que a variedade de plantas, aprendizados, linguagens e práticas se compõem, fortalecendo uma a outra, dando sombra, nutriente, suporte, água e companhia uma a outra. “Integrar ao invés de separar” como um dos princípios da permacultura, que a escritora Carola Saavedra (2022) relaciona com a literatura convidando-nos a pensar a *permaescrita* na qual romance, ficção, biografia e poesia não se separam. Nesta escrita agroflorestal convocamos a educação a pensar com imagens, narrativas, fabulações especulativas e poemas.

Os encontros-festas realizados no Sítio Terrinha, por vezes com a participação de pessoas de diferentes lugares e experiências, promovem diversas formas de envolvimento entre pessoas, plantas e a terra, misturando saberes e fazeres do manejo agroflorestal, da fotografia, da poesia, da colagem, do desenho, da *fitografia*, da culinária e da música. Uma mistura vivenciada a partir de oficinas, rodas de conversa, saraus, exposições, cantorias, trocas de sementes e espaços-tempos de convívio e descanso, que buscam propiciar a experimentação de relações criativas e vitalistas.

⁸ Os pensamentos sobre/com educação e vida fazem parte das pesquisas e formações desenvolvidas por Alda Romaguera, dinamizadas atualmente pela Associação Ritmos.

⁹ As composições *gente-milho* fazem parte do projeto de pesquisa “Peles de papel”: educação entre imagens e palavras em criações literárias indígenas, coordenado por Alik Wunder.

¹⁰ Esses processos de criação da artista Marli Wunder nascem da experiência de décadas de enredamentos vegetais, já desdobrada em exposições e publicações como o livro *Beira de Folha* (2020) de Consuelo de Paula e João Arruda e a *Exposição Casa-Planta* (2018).

¹¹ As pesquisas-corpo que se fazem ora composto, ora rio, ora bananeira são as produções que a professora/pesquisadora Andrea Desiderio vem semeando desde 2021.

Árvore(Ser)...

Flor(Estar)_se

Estar flor

Flor(ir)

Fazer-se em estado planta

Brotar aos cachos

Estar gestos

Verdejar e amadurecer

Arvorecer _ se

Quase imperceptível _ aos que se movem

Quase imóvel _ aos olhos nus

Resp(Irar)-se

Esvoaçante dança aos ventos

e aos seres luz

Entreg(AR)_se.

Flore(Ser)_se

Entrar em estado de árvore _ Manoel de Barros

Lesmar seivas em tronco enrugado

Escor(Regar)-se

virar veludo verde orvalhado

musgar pedras em tapetes úmidos

Muchomuchechosmuchachos

Murmúrios rios riachos

Sapos escorrem coachos

Plâncton plante planta plena

Fruto grita semente prenhe de flor

Flores(ça)_se!

seixos rolados cascalhos

cipós entrelaçados

raiz de chamalotes

creques de folhas repercutindo pés

pétalas gravetos forquilhas

pássaros vespas grilos rãs
burbu(ri)nhe-se em rendas tecidas
no sol das manhãs
Poema de Alda Romaguera

Fotos 6, 7, 8 e 9: Encontros-festa realizados pelo Coletivo Terrinha entre 2021 e 2024.





Fonte: Acervo Coletivo Terrinha.

Experimentar práticas de *fabulação especulativa e biointeração*

Roçar, verbo-movimento das mãos na terra, na tela, no papel, que ao ser experimentado nas superfícies fotográficas, cria movimento “em um corpo aparentemente estático” (Oliveira, 2023, p. 136), um movimento em que “nada se sobressai” (Oliveira, 2023, p. 136) e “em qualquer mirada há (de)composição das camadas fotográficas” (Oliveira, 2023, p. 136), um movimento que se desdobra no corpo que mira.

O maxilar se solta e a boca estremece. As pálpebras se fecham. O tronco e os galhos sacodem e liberam as primeiras folhas da estação de seca. Nelas circula a seiva da memória do ar, da água, do solo, de metabolismos e ciclos. A luz atravessa a superfície porosa das folhas. As pálpebras se abrem e os olhos tocam a textura macia e as partículas agregadas da (de)composição fotográfica (Oliveira, 2023 p. 136)

Agregar, outro verbo-movimento que integra práticas e corpos fotográficos, textuais, humanos, vegetais, que emerge da (de)composição de camadas no solo e na fotografia, e do qual participam ativamente fluxos de ar, água e energia.

Fotos 10 e 11: (De)composições fotográficas presentes na tese “Corpo-solo-vivo: linhas e entrelinhas de um processo de cultivo” de Tatiana Plens.



Fonte: (Oliveira, 2023).

Fotos 12 e 13: (De)composições fotográficas presentes na tese “Corpo-solo-vivo: linhas e entrelinhas de um processo de cultivo” de Tatiana Plens.



Fonte: (Oliveira, 2023).

Materiais de uma dissertação de mestrado (pedaços de jornal, fotografias, fragmentos de texto, desenhos) que permanecem em uma caixa na estante em estado de dormência e no espaço-tempo de uma pesquisa de doutorado se movimentam e são arrastados para o quintal através da ação do vento. Folhas de papel, que, no quintal, se misturam com “outras folhas, gravetos, pedaços de palha e pequenas flores” (Oliveira, 2023, p. 56) e são umedecidas por

pequenas gotas de água que caem sobre o solo,” despindo-as de palavras e atraindo uma infinidade de pequenos seres” (Oliveira, 2023, p. 56). Folhas de papel que pousam em um solo vivo e criativo, em uma terra que pulsa, ondula as superfícies e cria esculturas de ar. Folhas de papel acariciadas por uma luz suave, que no encontro com a água cria pequenos cristais (Oliveira, 2023). Folhas de papel que atuam ativamente na *terraformação*... roçar e agregar, verbos experienciados em pesquisas e escritas, nas linhas e entrelinhas do cultivo de zonas férteis e biodiversas, de corpos-solos-vivos.

Um mergulho no mundo do *awaxi-eté*

Muvucar gente-milho, pensar e sentir os devires vegetais provocados pelo encontro com as sementes *awaxi-eté*, milho verdadeiro para o povo Guarani. Criamos fotografias entre plantios, colheitas, cuidados e trocas de sementes de milhos de diferentes colorações e nessa *muvuca* de sementes, gentes, imagens e palavras fizemos um mergulho poético e imagético pelo mundo do *awaxi-eté*.

Foto 14: Ensaio fotográfico *Gente-milho*.



Fonte: Acervo Alik Wunder. Foto: Alik Wunder.

Ganhamos o milho *kaiowá*, milho *djakara* - milho branco - o dono da roça, aquele que cuida de todos os outros vegetais. Anastácio Peralta Kaiowá, tio de Luiz Medina Guarani, estudante indígena da Unicamp e nosso parceiro de plantios e colheitas, foi quem nos

presenteou. A roça de milho da Terrinha, nesses três anos, se coloriu em muitos tons... o milho branco do povo Guarani Kaiowá nos ensinou pelos gestos e palavras de Anastácio Peralta que a roça é lugar de alegrias:

Para nós, os Guarani e Kaiowá, principalmente os mais velhos, entendemos a roça não como um sofrimento, mas como lazer. É lá onde nasceu a comida. É onde podemos ensinar os filhos o nosso modo de ser. Então, a roça é para nós um lazer e não um trabalho (no sentido de castigo que trabalho no conceito do ocidente tem). O que nos diferencia deste conceito do branco é que a roça, para nós é lazer, é felicidade (Peralta, 2017, p.4).

As sementes geradas na Terrinha a cada ano são enviadas às aldeias Kaiowá, Guarani e outros territórios de mãos que plantam. Gestos de dar e receber com alegria, gestos que as sementes nos convidam a realizar, todo ano. Sempre novas sementes chegam... gente e milho em circulação. As sementes de milho da Terrinha já viajaram para muitas aldeias, comunidades e coletivos rurais. E sempre novas sementes chegam... gente e milho em circulação, em dança alegre de terra em terra.

Foto 15: Ensaio fotográfico *Gente-milho*.



Fonte: Acervo Alik Wunder. Foto: Alik Wunder.

Gentes abrem sorrisos e olhos cintilantes ao abrir as palhas do *awaxi-eté*. É vermelho! Esse é pequenino e branco! Esse é rosado! Parece que misturou! Amarelo! Brilhante! Que lindo! As sementes nos olham com a mesma cumplicidade alegre. Tantas gentes e de tantas cores... a

palha tece camadas finas e múltiplas, abrem-se os véus como estrelas e mundos se encontram, se sobrepõem... a alegria tinge cada olhar, cada sorriso, cada abraço. *Gente-milho* é um ritual anual de colheita, uma lida: colher e cuidar das sementes secas. Uma performance coletiva e alegre, anualmente. Tardes em que colhemos o sol prismado nas cores do milharal... *movucados*, rindo... o povo milho, o povo da alegria chegou...

O sol doura, as flores amarelas guardam o verão, as sementes, os dias férteis, os frutos guardam o doce das tardes de chuva... *Ara ymã*. Para os Guarani, o tempo velho, tudo dorme, tudo sonha. Tempo de viver os fins, o seco, o silêncio, o escuro... O frio dentro da gente e o frio fora da gente se encontram. Tempo de aprender com os fins. Tempo de recolher as pérolas multicoloridas de milhos *awaxi-eté*, a pele da palha translúcida, o amarelo do açafraão e das pétalas dos cravinhos, as gotas rajadas e brilhosas da mamona, o vermelho vida do urucum, o azul pardo do capiá, a alegria contida em cada coisa, a cor de cada gesto de seres viventes... sementes: “A chegada do ano velho é tempo de resguardo, o frio foi criado para todos que existem na terra possam ter um novo ciclo na vida. No inverno recolhemos nosso plantio para guardar as sementes. É preciso que tenha um fim para ter um novo começo de renovação” (Werá, 2012, p. 25).

Fotos 16 e 17: Ensaio fotográfico *Gente-milho*.



Fonte: Acervo Alik Wunder. Foto: Alik Wunder.

A humanidade guarani nasce do milho e é desta criação que se criam os dois tempos...

Ara pyaú e o Ara ymã. O plantar, brotar, florir, polinizar, granar, colher, debulhar, comer, guardar, cuidar, replantar são gestos que se fazem nesses ciclos do tempo novo e do tempo velho. Guardamos a semente e ela nos guarda. Semeamos e ela nos semeia... Por milênios povos cuidam de suas sementes ancestrais, para os Guarani *awaxi-eté*, o milho verdadeiro. O povo milho chega lembrando que somos *gente-milho*, gente da alegria.

Criar com sumos vegetais

O processo criativo da artista Marli Wunder nos oferece uma experiência de criação de gravuras a partir da prensagem de uma muvuca de folhas, flores, traços, texturas e tons.

Foto 18: *Fitografia* - arte de Marli Wunder.



Fonte: Acervo Marli Wunder.

Sua arte compartilhada nos abre a uma experiência contingente entre gentes e plantas, sumos e linhas vegetais, prensa e papel. Sua arte nos convida a um acontecimento sempre aberto ao imprevisível; a um gesto sensível de fazer arte junto com pequenos corpos vegetais.

Intimidade com as formas, com os líquidos e cores das folhas e das flores. Alquimia entre papel e sumos verdes... entre gentes, entre mãos que compõem alegres jardins.

Foto 19 e 20: *Fitografia* - arte de Marli Wunder.



Fonte: Acervo Marli Wunder.

“[...] árvores entre mulheres
mulheres entre plantas
fragilidade entre vida
criação sempre inacabada
movimento vivo
contínuo fluxo
transformador da própria obra
tudo varia e a vibração é sempre vegetal [...]”

Trecho de poema coletivo de Marli Wunder, Alik Wunder, Susana Oliveira Dias, Alda Romaguera e Amanda Leite (Wunder, 2019)

Foto 21: *Fitografia* - arte de Marli Wunder.



Fonte: Acervo Marli Wunder.

Corpos em *composições* com as bananeiras

Invenção
Inventei pro coração da bananeira
um devir útero
rubro escuro e quieto
a espreitar os dias
feito barriga de mulher
crescendo sob o sol
útero luz
bananeiramente
coração engravidado
até que se aprontem
grudados no sustentáculo
amarelinhos olhos
e pétalas púrpura se abram
tal saias em um balé
bailado lento e fecundo
Minúsculos dedos dobrados
se mostram ao mundo
paridas aos cachos
verdes bananas
em fartas pencas
entumescem crescem
fruto bendito
útero ventre
força-motriz

Poema de Alda Romaguera

Fotos 22, 23 e 24: exercícios de *composição* fotográfica



Fonte: Acervo Tatiana Plens. Foto: Tatiana Plens.

Plantar.

A bananeira, dos cachos de banana, se planta de ponta cabeça.

Aprendi isso com um parente Assurini.

E bananeira é de ponta cabeça mesmo.

Já plantou uma bananeira? E já virou cambota?

Em que chão se planta bananeira? Como tocar?

O que fazer com as mãos?

Onde vai o peso?

Qual a deixa para a gravidade entrar?

E o equilíbrio?

Gente planta e olha. Ou gente olha e planta?

Gente planta, gente bananeira. A gente olha.

Bananeira é uma espécie de Baobá.

Composição corpoética de Andrea Desiderio

De onde olhamos, elas são as primeiras que avistamos. Estão lá abundantes, nossas “ervas vestidas de árvore” (Oliveira, 2023). A bananeira, essa planta popular e abundante em nossa terrinha coletiva tem nos inspirados *composições*, modos de experimentar movimentos não só com pernas e braços, mas também com palavras, pensamentos e emoções. Manejá-las é também um modo de movimentar memórias e encontros com outros seres, é descobrir-se fluxo e encontrar modos múltiplos de estar no mundo, de estabelecer relações dinâmicas, criativas e vitalistas com o mundo.

Tem ser humano que chega ao mundo pelo buraco na bananeira, um devir portal que surge em histórias de vó parteira que benze e semeia vidas de crianças em alpendres, beira de folhas, úteros. Vó bananeira que conecta mundos, seres, cores e segue viva no vermelho urucum do coração dedilhado (Silva; Nascimento, 2024).

A bananeira é também nascente, não apenas de bananas, mas também de águas, é encontro submerso, escondido, é semente, raiz, caule, folha, morada, bolsa e chapéu. É trama, tranças e fiapos. É rio. É movimento brincante de erês e não só. É começo, meio e começo, é geração mãe, filha e avó (Santos, 2023). É palmito, coração, penca, cacho. É casca, mordida, partilha. É compota, geleia, fritada, farofa. É maçã, nanica, princesa, prata, da terra, pão, figo, ouro. Bananeira é inversão de lógicas, de padrões, de formatos. Na Terrinha guardam-se

sementes de bananeira nas rajadas de ventos cortantes e em corações que despelam em vidas encantadas e mutantes.

E...

Muvucar, verbo-movimento que anima sementes, solos, pessoas, escritas, artes, educações, experimentado cotidianamente em uma terrinha coletiva. Prática ancestral de criar futuros biodiversos, de *terraformar*, de aprender pela e com a vida, desde o solo e os encontros de formas, texturas, tons, fluxos, linhas e lidas. *Muvucar*, verbo-movimento de produzir continuidades e...

Referências

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Trad. J. G. Cunha. Lisboa: Relógio D'Água, 1998.

OLIVEIRA, Tatiana Plens. **Corpo-solo-vivo**: linhas e entrelinhas de um processo de cultivo. 2023. 161f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2023. Disponível em: <https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1374468>. Acesso em: 8 dez. 2024.

PERALTA, Anastácio. A agroecologia Kaiowá: tecnologia espiritual e bem viver, uma contribuição dos povos indígenas para a educação. **Revista MovimentAção**, Dourados, v. 4, n. 6, p. 01-19, 2017.

SAAVEDRA, Carola. **O mundo desdobrável**: ensaios para depois do fim. Belo Horizonte: Relicário, 2022.

SANTOS, Antonio Bispo dos. **A terra dá, a terra, quer**. São Paulo: UBU/Piseagrama, 2023.

SILVA, Andrea Desiderio; NASCIMENTO, Rafael Caetano do. Urucum fruto útero. **ClimaCom**, Campinas, ano 11, n. 26, p. 01-09, jun. 2024. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/urucum-fruto-utero/>. Acesso em: 20 jan. 2025.

WERÁ, José. **Nhemombaraete reko rã'i**: fortalecendo a sabedoria. Porto Alegre: Ideograf, 2012.

Sobre as autoras

Tatiana Plens Oliveira: doutora em educação, mestre em divulgação científica e cultural, e especialista em jornalismo científico pela Universidade Estadual de Campinas. Graduada em jornalismo pela Universidade de Sorocaba. É integrante da diretoria da Associação Ritmos de Pensamentos Educacionais, Ambientais, Artísticos e Culturais e integrante do grupo de pesquisa multiTÃO: proliferar artes subvertendo ciências e educações do Labjor-Unicamp.
Email: tati.plens@gmail.com

Andrea Desiderio da Silva: mãe, educadora da Escola do Sítio - Campinas/São Paulo, doutora e mestre em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas e graduada em treinamento esportivo e

licenciatura plena. Membro do Grupo de Pesquisa em Ginástica da Faculdade de Educação Física da Unicamp e do Grupo do Transgressão: grupo aberto de estudos, pesquisas e práticas de Educação Física escolar.

Email: andreadesideriosilva@gmail.com

Alik Wunder: professora do Departamento de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte da Faculdade de Educação, da Universidade Estadual de Campinas. Pesquisadora da Área de Arte e Linguagem em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação e integra o Laboratório de Estudos Audio-visuais - Olho.

E-mail: alik.wunder@gmail.com

Alda Regina Tognini Romaguera: pedagoga, mestre e doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de Campinas na Linha Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte. Pós doutora em Educação pela UFSC - Florianópolis. É diretora executiva da Associação Ritmos de Pensamentos Educacionais, Ambientais, Artísticos e Culturais.

Email: aldaromaguera@gmail.com

Marli Wunder: fotógrafa, tecelã, pintora, escultora, bordadeira e arte-educadora, tecelã. Multiartista nascida em Porto Alegre (Rio Grande do Sul/Brasil) e reside há 50 anos na cidade de Campinas/SP. Sua produção visual já integrou diversas exposições coletivas e individuais em todo Brasil, tem publicações na área da educação, participa de diferentes projetos de pesquisa e também atua na produção fotográfica de espetáculos artísticos e encarte de CDs.

Email: <https://www.marliwunder.com>

Recebido em: 02 fev. 2025

Aprovado em: 09 jul. 2025